

ARTAUDBIOGRAFIA

Pesquisa, tradução e dramaturgia: José Rubens Siqueira

CENA 1

ARTAUD – Quando a peste se instala numa cidade as relações naturais desaparecem. Não existe mais lixo, nem exército, nem polícia, nem municipalidade. Surgem fogueiras para queimar os mortos. Ruas inteiras são barradas por montanhas de mortos. Das casas abertas saem os pestilentos delirantes, gritando pelas ruas.

É então que o teatro se instala. É a disponibilidade imediata que leva aos atos inúteis. O filho, até então virtuoso e submisso, mata o pai; o casto sodomiza o primeiro que encontra. Os luxuriosos ficam puros; o avaro atira punhados de ouro pela janela. O herói incendia a cidade que antes tinha lutado para salvar. As imagens da peste são as últimas fagulhas de uma força espiritual que começa no sensível e ultrapassa a realidade.

Como a peste, o teatro refaz a ligação entre aquilo que é e aquilo que não é.

Como a peste, o teatro nos restitui todos os conflitos que dormem dentro de nós.

Como a peste, o teatro é a imagem da carnificina, da separação essencial. Ele desnuda conflitos, libera forças, detona possibilidades.

A peste é um mal superior porque é uma crise completa, depois da qual resta apenas a morte ou a extrema purificação.

Como a peste, o teatro é uma crise que só se resolve na morte ou na cura.

Ele convida os sentidos a um delírio que exalta suas energias e força os homens a se verem como são, faz cair as máscaras, desnuda a

mentira, a fraqueza, a baixaza, a desonestidade.

Vocês querem ouvir falar “de”, querem ouvir uma conferência objetiva sobre o teatro e a peste e eu quero lhes dar a própria experiência para que vocês se aterrorizem e despertem. Não percebem que estão todos mortos. A morte de vocês é total, é como uma surdez, uma cegueira. Quero lhes mostrar a agonia. A minha, sim, e de todos os que vivem.

Tudo isso será destruído. É preciso destruir este mundo. Está corrompido, cheio de horror. Um mundo povoado de múmias. Decadência. Morte. Eu quero um teatro que seja um tratamento de choque, para galvanizar, pra jogar as pessoas na sensação.

Passo meu tempo lutando entre o verdadeiro e o falso no plano da mente. Mas já basta... basta. Não aguento mais esse debate interno comigo mesmo.

VOZ GRAVADA (*sussurra*) – Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

ARTAUD – Eu me perco nos meus pensamentos como num sonho... Me falta uma concordância das palavras com a minúcia dos meus estados.

VOZ GRAVADA (*sussurra*) – Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

ARTAUD – Sinto-me completamente perdido. Minha alma está comida, partida. A doença me esvazia o corpo e o espírito, me rouba a noção de mim mesmo, do ser, da vida.

VOZ GRAVADA (*sussurra*) – Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

ARTAUD – Dilatar meu corpo da minha noite interior, do nada interior do meu eu que é noite, nada, irreflexão, mas que é a explosiva afirma-

ção de que existe alguma coisa para dar lugar: o meu corpo!

VOZ GRAVADA (*sussurra*) – Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

ARTAUD – O meu corpo é um cataclisma. Essa terrível sensação de perda, de coisa abortada. Sofro de uma terrível doença do espírito.

VOZ GRAVADA (*sussurra*) – Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

ARTAUD – Não sou eu que sou este corpo. (*para o corpo*) O que sinto você nunca quer sentir e me dá sempre a sensação contrária. Você não quer o que eu quero. Você me propõe o mal.

VOZ GRAVADA (*sussurra*) – Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

ARTAUD – O meu corpo é meu, não quero que disponham dele. No meu espírito circulam muitas coisas, no meu corpo nada circula além de mim. É tudo o que me resta de tudo o que eu tinha.

VOZ GRAVADA (*sussurra*) – Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

ARTAUD – Minha coluna vertebral estala em vários pontos e dói aqui em cima. Sinto uma fraqueza terrível que me deixa a ponto de cair de repente. Essa terrível situação interior, esse movimento de respiração.

VOZ GRAVADA (*sussurra*) – Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

ARTAUD – Vou me sufocar em mim mesmo, sem conseguir me reconhecer, sabendo perfeitamente que estou em algum lugar, o diabo sabe onde, como se estivesse morto.

VOZ GRAVADA (*sussurra*) – Este suplício tem de cessar porque ele lesa a

totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

ARTAUD – Estou com fome, martirizado, envenenado. É assim que eu vivo nos asilos de alienados faz cinco anos e quatro meses... Me devolvam para minha família que não é da terra, mas do céu.

VOZ GRAVADA (*sussurra*) – Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

ARTAUD – Venham me buscar para me colocar em algum outro lugar. Quero um regime de gente. Não de fera. A loucura é como a morte. Estou morto e minha alma, que teima em viver, não consegue libertar-se.

MÚLTIPLAS VOZES GRAVADAS SUSSURRANDO SE SOBREPONDO – Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus. Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus. Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus. Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus... Este suplício tem de cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus...

ARTAUD – Pra viver eu preciso de poesia.

Antes daquele pedaço de chocolate que me deram anteontem, na sexta-feira, eu não comia chocolate há oito meses.

Fico meses sem comer um pouco de açúcar.

A manteiga, nem sei há quanto tempo não provo manteiga...

Já não me levanto da mesa sem uma impressão de fome.

Não sou homem de esquecer o próprio dever por uma coisa qualquer, mas que ao menos não me censurem por falta de energia num momento como este, em que não recebo nas rações nem manteiga, nem açúcar, nem chocolate.

Até o pão é insuficiente.

E, sobretudo, não me façam mais eletrochoques.

Ruído de eletrochoque, as luzes oscilam.

CENA 2

ARTAUD – Cada aplicação de eletrochoque me afunda num terror que dura algumas horas. Fico desesperado a cada nova aplicação porque sei que ainda uma vez vou perder a consciência...

...perder a consciência...

Por um dia inteiro vou me sufocar em mim mesmo...

...em mim mesmo...

...sem conseguir me reconhecer, sabendo perfeitamente que estou em algum lugar, o diabo sabe onde...

O diabo! O diabo!

...como se estivesse morto.

Eu preciso de poesia.

Preciso de poesia em torno de mim. Não admito que o poeta que eu sou esteja fechado há seis anos num hospital psiquiátrico porque desejava realizar na natureza a sua poesia.

Passo meu tempo lutando entre o verdadeiro e o falso no plano da mente. Mas já basta... basta...

Não aguento mais esse debate interno comigo mesmo.

É preciso, a qualquer preço, voltar a encontrar a memória de alguma coisa.

Viver não é seguir monotonamente o curso dos acontecimentos, na rotina habitual desse conjunto de ideias, de gostos, de percepções, de desejos, de inapetências, que a gente confunde com o próprio eu, entre os quais a gente se sacia sem ir mais longe e sem procurar mais além.

Viver é dominar-se e cada homem não faz mais do que abandonar-

se a si mesmo.

Começo a acreditar que não haverá mais ilusões e que só se pode sonhar aquilo que já existe.

Só se pode sonhar aquilo que já existe.

Só se pode sonhar aquilo que já existe...

Só se pode sonhar aquilo que já existe...

Nós nos enganamos sobre tudo. Sobre tudo. Não enxergo nada que não esteja alterado. Alterado. Por isso é que eu renunciei a tudo.

Tudo. Tudo. Para encontrar a minha luz nata. Para que a minha vida possa ressuscitar.

Porque a alma é um bem de todos.

O marxismo pretende ser científico, fala da consciência de massa, mas não destrói a consciência individual. E por isso é gratuito e romântico.

A destruição da consciência individual é uma ideia profunda de cultura que gera uma forma completamente nova de civilização.

Não se sentir como indivíduo significa escapar desse temível capitalismo da consciência.

...a alma... a alma é um bem de todos.

Não sei mais o que é normal e o que é supranormal. Sei o que é: isso é tudo. Essa separação entre o que se pode e o que não se pode discutir socialmente não me interessa mais.

Mas essas coisas são muito perigosas para serem ditas num asilo de loucos.

CENA 3

ARTAUD – Anjo? Anjo querido. Penso em você o tempo todo. Estes dias pensei que ia morrer. Sinto-me completamente perdido. Se você tivesse podido ver no meu coração a profundidade do sentimento que me ligava a você... Te escrevo para fixar meu pensamento no momento em que ele ocorre. Até meu pensamento me abandona de todas as maneiras. Ainda sinto o gosto de uma boca de mulher que me persegue. Te dou a minha alma... Faço tudo por você... Te dou a minha vida. Aceito tudo de você. Estes dias pensei que ia morrer... Anjo? Anjo querido. Eu te amei! Seremos sempre duas almas que se amam, além da vida... ...e isso você não tem o direito de tirar de mim! Sua alma não pode me abandonar... Salva minha alma... Salva a minha vida... Vou gritar até os demônios me ouvirem, até os mortos virem me buscar. Você não tem o direito de pensar que eu quero te abandonar. Se você quer a sua liberdade vai tê-la, mas isso não lhe trará felicidade porque haverá alguém arruinado na sua porta... Eu!

CENA 4

ARTAUD - Roá de l'órqui-munde
 arqui-puncta-tamunde
 nuncta-taclér arcunde
 orcund talí sunctrá
 (tórchti talár achpátra)
 Taur-droc-stolfir-taltrá

Taurcht bruc stulchtur tungotra.

Tomár tufór toptrám

Não sou eu que sou este corpo.

Corpo você mente... mente e desobedece.

O que eu quero você nunca quer sentir. E me dá sempre a sensação contrária.

Você não quer o que eu quero. Você me propõe o mal. Um dia vou te mandar embora.

Passo o meu tempo todo lutando entre o verdadeiro e o falso no plano da mente. Mas já basta. Basta.

Minha coluna estala em vários pontos e dói aqui em cima.

A realidade é terrivelmente superior a qualquer história, a qualquer fábula, a qualquer super-realidade.

Toda a minha obra é calcada sobre o nada, sobre essa carne, essa mistura de fogos extintos, de gritos abafados e de carnificina. E não se pode fazer nada, nem dizer nada. Sofre-se apenas. Desespera-se e luta-se. Eu creio que na verdade a gente luta.

E esse combate tem nome?

Não mesmo.

Porque dar nome ao combate é matar o nada, é deter a vida e não se pode jamais deter a vida.

Ópio, pão, queijo, conservas, frutas... (*chora*) ...um bolo.

CENA 5

ARTAUD – Tenho um nome que minha mãe me deu quando eu tinha quatro anos. Na...

Tenho a sensação de algo irremediável. Irremediável. Algo irremediável.

Tenho a sensação de algo irremediável. Minha solidão não tem limites e curva-se debaixo do horror de pensar que, na realidade, estive sempre só.

É preciso a qualquer custo voltar a encontrar a memória de alguma coisa. A gente só se submete à influência de alguém quando já temos dentro de nós o embrião dessa influência; a influência é uma revelação de si mesma, não uma limitação.

Porque cada vez que eu chego a um ponto capital da minha vida nunca chego como um ser inteiro?

Não existe contradição em minha atitude, nem aparente, nem profunda, nem dissimulada.

Tenho um nome que minha mãe me deu quando eu tinha quatro anos. Na... na...

Não vim aqui para colecionar lembranças caducas que o sistema vai logo transformar em ideias para cartazes e modelos para costurheiros.

De agora em diante, esse segredo escondido que iguala o dia e a noite tem de ser puxado para fora. Tem de servir.

Servir para a minha crucificação. Meu destino físico está preso a isso: queimar. Arder para sempre

Não existe mais uma simples parcela de mim mesmo onde eu possa me refugiar.

Tenho um nome que minha mãe me deu quando eu tinha quatro anos.

Na... na... qui. Nanaqui. É. Nanaqui.

CENA 5

ARATUD – Declamar um poema é orar. E orar significa antes de tudo, expulsar o Mal de si mesmo.

O Cristo voltou para restaurar a verdade Pagã. O mistério de Deus foi ter nos dado Jesus Cristo.

Ekhar ekhar isti

Penstsan Fantam zellar Panterbra

Iterta

Uda napen itira

Era dapen etra

Foz ale karbum

Fichta dale daperta

Utra utra daperta

Itra itra daperta

Este suplício deve cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

Este suplício vai cessar porque ele lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

Este suplício tem de cessar... Porque eu sei quem eu sou.

Eu sei de onde vim... não me deem mais eletrochoques.

Eu sei como são feitas as coisas. Eu sei quem sou eu. E não posso mais perder a razão porque Deus está nos meus nervos e daí me dirige, não sinto mais o meu corpo, os meus limites definidos. E sou mais feliz de pertencer ao ilimitado do que de pertencer a mim mesmo.

Hoje em dia ninguém é capaz de compartilhar uma sensação com o outro.

Ruído de eletrochoque, as luzes oscilam.

CENA 6

ARTAUD – Meu estado melhora dia a dia...

Que estado?

Que estado?

O que eu faço é prolongar ao real a minha ideia de poesia.

O que é um autentico louco?

O que é um autentico louco?

É um homem que preferiu ficar louco em vez de prevaricar contra determinada ideia superior de honra humana. É quase impossível ser médico e honrado. Mas é absolutamente impossível ser psiquiatra sem estar marcado pela mais indiscutível loucura: a de se converter num inimigo nato e inato de todo gênio.

Em todo demente existe um gênio incompreendido. A medicina nasceu do mal ou, pelo contrário, provocou e criou a doença para dar a si mesma uma razão de ser. A sociedade manda estrangular em seus manicômios todos aqueles de quem quer se livrar por terem se recusado a se converter em cúmplices de algumas imensas porcarias. O louco é um homem que a sociedade não quer escutar e que quer impedir de propagar verdades insuportáveis.

Se me acreditam louco ou megalomaniaco, pior pra eles!!

(escreve no próprio corpo) Se sou poeta e ator, não é para escrever ou declamar poesia, mas para viver a poesia. Quando declamo um poema, não é para ser aplaudido, mas sim, para sentir corpos de homens e mulheres, corpos, tremerem e se transformarem em uníssono com o meu.

CENA 7

ARTAUD – A sociedade me come e come os outros e quis me assassinar e fazer desaparecer porque eu vi que ela me comia.

Um alienado é também um homem que a sociedade não quis escutar e que procurou impedir de propagar verdades insuportáveis.

Foi para calar a minha boca que me atiraram numa prisão e depois me encarceraram num asilo de alienados durante nove anos.

Nove anos num asilo de alienados e nunca tive a obsessão do suicídio. Mas eu sei que a cada conversa com o psiquiatra de manhã, na hora da visita, me surge o desejo de me enforcar ao compreender que não posso degolar a ele.

Os nove anos que estou aqui são como nove eternidades

O que define a vida é que destilamos, nós todos, as nossas percepções, as nossas impressões e que vivemos só a conta-gotas.

Vocês são idiotas.

Do mais inteligente ao mais medíocre.

Do mais perspicaz ao mais obtuso.

Vocês são uns bostas.

Quero dizer que vocês são cães.

Quero dizer que vocês latem.

Que vocês se obstinam em não compreender.
Eu me conheço e isso basta, isso tem de bastar.
Eu me conheço porque fico me assistindo.
Eu assisto Antonin Artaud.

CENA 8

ARTAUD – Tudo o que cheira a merda, cheira a ser.

Deus é um ser?

Se é, é merda.

Se não é, não existe.

Nada de freiras, nada de mães de família cristãs, mães de família adúlteras com suas almas de pássaro, uma mãe de família adúltera, uma mocinha repútera que me servirão um tempo e repartirão depois para suas íntimas putarias. Nada de arroz, nada de semolina, nada de tapioca, esperma e merda, merda dura e macerada, esperma seco e amassado.

Deus é todo mundo, Satã é o eu!

O esperma e a merda estavam no começo de tudo como a excreção e a ejaculação de meu corpo, que é o útero fetal, porque madame uterina fecal sou eu. O corpo é placenta, quintessência da merda, da caca, do esperma, merda ópio, merda farinha, merda açúcar, merda limão, caca castanha.

CENA 9

ARTAUD – Não acredito mais na pureza dos homens. Nunca ninguém escreveu, pintou, esculpiu, modelou, construiu, inventou nada senão para sair realmente do inferno

Abandonem suas pesquisas sobre personagens humanas,

É o homem o que mais nos emerdeia...

A loucura é como a morte. Estou morto e minha alma que teima viver, não consegue libertar-se.

Minha solidão não tem nome nem limite e curva-se debaixo do horror de pensar que, na realidade, estive sempre só.

Sofro de uma terrível doença do espírito. Não estou conseguindo ser eu, mas apenas uma parte de mim. Meus pensamentos me abandonam de todas as maneiras.

Este suplício deve cessar porque lesa a totalidade dos seres e insulta a obra de Deus.

O meu corpo é meu, não quero que disponham dele. No meu espírito circulam muitas coisas, no meu corpo nada circula além de mim. É tudo o que me resta de tudo o que eu tinha.

(*canta*) o kroma tata ka ni kroma

o kha noma okhi no khroma

ô mardur dau taetê

omardur dô bati ê

dapurfár da castrirêna

mataní tu ich

abedê a dála béle

akurn

akurn

akurn

CENA 10

ARTAUD – Eda pentam zam maskunda

Ruda cumcuda ruda pupta

Pode-se inventar a própria língua, a língua pura com um sentido extra gramatical, mas é preciso que esse sentido seja válido em si, que provenha do horror, o horror que faz brotarem os versos da própria doença: o ser.

Quando se escava a caca do ser é preciso que a poesia feda. Gosto da poesia dos esfaimados, dos doentes, dos párias, dos envenenados, dos supliciados da linguagem que se perdem em seus escritos sem saber, balindo e bramindo de dor e de horror.

Abandonar a linguagem e as suas leis para torcer e desnudar a carne sexual da glote, de onde brotam as asperezas seminais da alma e os lamentos do inconsciente...

Eu gosto das poesias que brotam impetuosamente.

Quando escrevo ou quando leio quero sentir a minha alma se er-guer.

Não gosto de poesia de superfície que transpira a ociosidade feliz, que sai do intelecto...

...mesmo que o intelecto se apoie sobre o cu.

O cu é um terror sempre e eu não admito que se perca um só excremento sem se sentir também um laceramento pela perda da alma.

Ratara ratara ratara

atara tatara rana

otara otara katara

otara ratara kana

ortura ortone konora

kokoni kokona koma

Parece que a consciência está ligada em nós ao desejo sexual e à fome.

Para existir basta ser, mas para viver é preciso ser alguém, é preciso ter um OSSO!

É preciso ter coragem de mostrar o osso e esquecer a comida.

O desejo sexual e a fome.

O homem preferiu a carne.

O homem, quando não reprimido, é um animal erótico, traz dentro de si um tremor inspirado, uma espécie de pulsação...

...produtora de bichos sem conta que constituem a forma que os antigos povos terrestres atribuíam universalmente a deus. O homem está doente porque está mal construído. Podem me amarrar o quanto quiserem, mas temos de desnudar o homem para raspar esse micróbio que nos pica mortalmente: deus. E junto com deus os órgãos porque não há nada mais inútil do que um ÓRGÃO.

Num grande gesto, ela agarra o próprio sexo e canta, docemente, um acalanto:)

ARTAUD – Ô réche modô

to edirê

de za

tô dárri

do paderrá coco

co.... cooooooooooooo

Quando tiverem dado ao homem um corpo sem órgãos, o homem estará liberado de todos os automatismos e terá de volta sua verdadeira liberdade.

Me devolvam para a minha família, que não é da terra, mas do céu.

Verdadeira liberdade. Liberdade.

Parece que a consciência está ligada em nós ao desejo sexual e à fome.

Ratara ratara ratara

atara tatarana

otara otara katara

otara ratara kana

ortura ortone konora

kokoni kokona koma

kurbala kurbate kubaru

kurbara kurbata kub

pesti anti pestantom putam

pest anti pestantom putra

(apalpa cada parte do corpo, como se não fosse dele)

Estes pés estes ventres estas costas estas mãos estes braços estes joelhos estes dentes que fazem buá e buábualá buracáburtra e que chupam bichos do ar que alguns veem e outros não e esses bichos que fazem cocô ali e ali e ali e ali tudo isso é deus e o que é deus

depois de tudo isso? não sei não entendo não sei não entendo não entendo não entendo...

(encontra o rato morto nas dobras da roupa)

Não foi uma violação, ela prestou-se ao obsceno repasto. Ela gostou disso e também aprendeu a agir como animal, a comer o seu rato D E L I C A D A M E N T E.

CENA 11

ARTAUD – *(com voz muito aguda)* Finikias...

(muito grave) ...atum, atum, atum, atum, atum, atum, atum...

tchorékias,

maionese de peixe,

pão de buiabésse,

aioli, maçã,

ovo cozido,

piláf, piláf, piláf, piláf, piláf, piláf..

lasanha,

kihymá de macarrão,

tomate, abobrinha recheada,

cuzcuz, cuzcuz, cuzcuz, cuzcuz, cuzcuz, cuzcuz..

canelone,

patê *en croûte*,

pão, pão, pão, pão, pão, pão, pão, pão, pão....

manteiga, geléia, café, bolacha,

bolo de amêndoa, chantili, bolo de castanha, mil-folhas,
 tortinhas do Espírito Santo,
cake de pão sem levedo,
 babá-ô-rum, babá-ô-rum, babá-ô-rum, babá-ô-rum, babá-ô-rum...
 massa gratinada, carne moída gratinada,
 bolo de semolina,
 nugá negro, nugá branco de Saint Tropez,
 nugá, nugá, nugá, nugá, nugá, nugá..
 crocante montado com açúcar tratado,
 tcheblebuzê,
 figos, nozes, avelãs, bananas, amêndoas, tâmaras, peras, ameixa
 recheada, tâmara recheada, pera confeitada, tâmara confeitada,
 (*num último suspiro agonizante*)
 HALVÁ!

CENA 12

ARTAUD – Há certos dias em que o coração sente tão terrivelmente a falta de saída, que lhe surpreende, como um soco na cabeça, a ideia de não poder seguir adiante.

Eu quero encontrar a força, as forças para desencadear essa mudança. E quando eu tiver isso em mãos, poderei realizar o verdadeiro drama que devo executar. Desta vez com a certeza do sucesso. Não sei o que o futuro me reserva. Parto à procura do impossível.

Ela se perderá, aquela nave antiga

No mar que banhará os meus sonhos perdidos;

E seus imensos mastros serão confundidos
 Na neblina de um céu de bíblia e de cantiga.
 Não é antiga a melodia, nem bucólica,
 Soando, misteriosa, entre os galhos despídos
 E o navio santo jamais terá vendido
 Os mais raros tesouros por terras exóticas.
 Ele ignora os fogos dos portos do mundo.
 E só conhece a Deus, solitário, a singrar
 Para sempre as ondas gloriosas do infinito.
 Sua proa mergulha em mistério profundo.
 Na ponta de seus mastros brilha toda noite,
 prateada, mística, pura a estrela polar.
 Não há fantasmas, não há visões, nada de alucinações. É a verdade
 tórrida de um sol das duas da tarde. Um lento pesadelo pouco a
 pouco elucidado. É o luzir molhado de um pasto, de um pé de trigo
 que está prestes a ser extraditado. E dos quais um dia a natureza
 prestará contas. Como a sociedade também prestará contas por mi-
 nha morte prematura.

CENA 13

ARTAUD – Tenho apenas pequenos pensamentos e uma alma pequenina. Não
 estou conseguindo ser eu, mas apenas uma parte de mim. Passamos
 a vida inteira procurando a nós mesmos, buscando não as palavras,
 mas sim o estado mental que corresponde ao espírito em si.
 (*entre lágrimas*) As coisas não são como são. As coisas não são
 como nós sentimos.

Não sei o que o futuro me reserva. Parto à procura do impossível. Existe em mim alguma coisa de horrendo que sai... que não provém de mim. Passamos a vida inteira procurando a nós mesmos, buscando não as palavras, mas sim o estado mental que corresponde ao espírito em si.

(entre lágrimas) Quando o estado existe, as palavras chegam sempre. A alma do homem não está nas palavras.

A ordem é elaborada no mistério. O mesmo mistério de toda a poesia. Eu sei de onde venho. Eu sei quem sou eu.

Eu.

Eu.

Existe na minha alma; existe no meu corpo um reflexo de Deus do outro lado das coisas. Eu sei como são feitas as coisas. Eu sei quem sou eu.

E não posso mais perder a razão porque Deus está nos meus nervos e daí me dirige. Não sinto mais o meu corpo, os seus limites definidos. E sou mais feliz por pertencer ao ilimitado do que de pertencer a mim mesmo.

CENA 14

ARTAUD – Quem sou eu?

De onde venho?

Eu sou Antonin Artaud

e basta eu dizer isso

do jeito que sei dizer isso

que imediatamente

vocês verão meu corpo
voar em pedaços
e se juntar novo
em dez mil aspectos
notórios
um corpo novo
no qual vocês
nunca mais
me esquecerão.

CENA 15

ARTAUD – E a vida atual se mantém em sua velha atmosfera de estupro...

...de anarquia...
...de desordem...
...de delírio
...de desenfreio
...de loucura crônica...
...de inércia burguesa...
...de anomalia psíquica...
...de desonestidade intencional...
...de insigne hipocrisia...
...de crime organizado enfim.

Pode-se viver para o infinito, existe sobre a terra e nas esferas, suficiente infinito para saciar a milhares de grandes gênios e só não se satisfaz o desejo de irradiar o infinito durante toda a vida, por-

que a sociedade não permite : basta, ela diz, pra tumba, estamos fartos de gênios, o infinito pertence a nós.

CENA 16

ARTAUD – Toda transformação cultural importante começa com uma ideia renovada do homem.

É preciso buscar uma nova ideia do homem.

O homem está enfermo porque é mal construído.

Se quiserem, podem me colocar em camisa de força mas não existe coisa mais inútil do que um órgão.

O corpo não precisa de órgãos, o corpo jamais é um organismo

Os organismos são os inimigos do corpo

Quando conseguirem um corpo sem órgãos, terão libertado o homem dos seus automatismos e devolvido a sua verdadeira liberdade.

Não existe mais nada, nem ninguém, a alma está insana,

Não existe amor, nem raiva existe, todos os corpos estão saciados, as consciências resignadas.

Não existe mais nada. Só uma imensa satisfação de inertes, de ruminantes da alma, de servos da imbecilidade...

Bando de insípidos que quer impor o seu ódio pela poesia...

Já passou a hora de reunir as pessoas em um teatro mesmo que seja para dizer verdades. Com a sociedade não existe outra linguagem senão a das bombas, das metralhadoras, das barricadas.

O mundo tem fome e por isso não se preocupa com a cultura. É artificial tentarmos redirecionar para a cultura pensamentos que estão voltados mesmo para a fome.

Fazemos uma ideia dissociada de cultura, como se existisse a cultura de um lado e a vida de outro. Como se a verdadeira cultura não fosse um meio refinado de compreender e de exercer a vida.

De pé, deitado, sem se anular. Eu nasci da minha dor.

Até hoje fui artista.

Mas os artistas são escravos.

Houve um tempo em que o artista era sábio.

Profeta.

Mago.

Terapeuta.

O artista reunia em si todas as faculdades de todas as ciências

Ciência e poesia são uma coisa só.

Ciência e poesia são a mesma coisa.

Ciência e poesia são uma coisa só. Ciência e poesia são a mesma coisa.

A verdadeira cultura não está nos livros, nas pinturas, nas estátuas, nas danças. A verdadeira cultura está nos nervos, nos órgãos sensíveis. Quando a verdadeira cultura tiver sido reconquistada, nem máquinas, nem canhões, nem aviões, nem bombas terão mais qualquer poder sobre ela.

Dia após dia a ciência descobre novas forças. Mas por debaixo dessas forças, existem outras forças desconhecidas, mais sutis que vêm da alma da natureza. Forças analógicas, graças às quais o organismo funciona de acordo com o organismo da natureza.

É preciso que as coisas mudem. A qualquer custo.

Pra viver, eu preciso de poesia.

Os livros, os textos, as revistas são tumbas. Tumbas que devem ser profanadas, para não vivermos eternamente rodeados de mortos. O dever do escritor, do poeta não é se encerrar numa revista, num texto, num livro, mas sim sair fora para sacudir, para atacar o espírito público.

Do contrário, para que serve o poeta? Para que nasceu?(VIRA)

O que define a vida é que destilamos, nós todos, as nossas percepções, as nossas impressões e que vivemos só a conta-gotas, respirando o ar das paisagens do alto e à margem, deixando o amor do lado de fora.

E não que o amor não tenha alma, é a alma do amor que não existe mais.

Pra mim é o absoluto ou nada.

E é isso que eu tenho a dizer para este mundo sem alma.

De agora em diante vou me dedicar exclusivamente à poesia como eu entendo, uma arte de sangue, uma arte em que cada obra consiga algum avanço

corporalmente

para aquele que cria, assim como para aquele que aprecia.

Além disso, não se aprecia, age-se.

Na verdade, a arte é a gênese da criação.

E será feita.

FIM